Revista HISTEDBR On-line

ARTIGO

OS ESCRITOS GRAMSCIANOS E SUAS PUBLICAÇÕES NA ITÁLIA APÓS A II GUERRA MUNDIAL: DISPUTAS ENTRE TOGLIATTI E A FAMÍLIA SCHUCHT

Lorivaldo do Nascimento*
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Aparecida Favoreto**
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

RESUMO
Esta pesquisa aborda a temática da publicação das obras de Gramsci na Itália após a II Guerra Mundial através de uma ação político-pedagógica denominada, justamente, Operação Gramsci. Assim, em primeira instância, elucida a disputa pela herança literária de Gramsci entre Togliatti e a família russa (família Schucht), envolvendo os principais expoentes da Internacional Comunista. Após a vitória de Togliatti, e a *svolta* de Salerno, que estabeleceu um governo de coalizão nacional entre os diversos partidos políticos italianos, inclusive o comunista, iniciou-se o projeto político-pedagógico mencionado, no qual a publicação das obras de Gramsci servia para a formação política das classes e, consequentemente, para o crescimento do Partido Comunista na Itália. A pesquisa utiliza-se, em modo especial, da correspondência entre os familiares russos de Gramsci, os membros do PCI – Partido Comunista Italiano e da Internacional Comunista. Portanto, o estudo visa preencher uma lacuna na medida em que as obras de Gramsci são difundidas no Brasil, a partir de traduções das edições italianas, que não aprofundam o contexto sociopolítico e o projeto político-pedagógico que motivou sua publicação na Itália após a II Guerra Mundial.

PALAVRAS-CHAVE: Escritos gramscianos. Togliatti. Família Schucht. Operação Gramsci.

A Revista HISTEDBR On-line publica artigos resultantes de estudos e pesquisas científicas que abordam a educação como fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica

Correspondência ao Autor
Nome: Lorivaldo do Nascimento
E-mail: lorinasci@yahoo.com.br
Instituição: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Submetido: 01/06/2022
Aprovado: 25/08/2022
Publicado: 09/11/2022

doi 10.20396/rho.v22i00.8670000
e-Location: e022030
ISSN: 1676-2584

Como citar ABNT (NBR 6023): NASCIMENTO, L. do; FAVORETO, A. Os escritos gramscianos e suas publicações na Itália após a II Guerra Mundial: disputas entre Togliatti e a família Schucht. **Revista HISTEDBR On-line,** Campinas, SP, v. 22, p. 1-19, 2022. DOI: 10.20396/rho.v22i00.8670000. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8670000. Acesso em: 9 nov. 2022.

Distribuído Sobre
Checagem Antiplágio

GRAMSCIAN WRITINGS AND PUBLICATIONS IN ITALY AFTER WORLD WAR II: DISPUTES BETWEEN TOGLIATTI AND THE SCHUCHT FAMILY

Abstract
This research discusses the publication of Gramsci's works in Italy after World War II through a political-pedagogical action called, precisely, Gramsci's Operation. In the first instance, the dispute over Gramsci's literary heritage between Togliatti and the Russian family (Schucht family), which involved the main exponents of the Communist International, will be elucidated. After Togliatti's victory, and the "svolta" of Salerno, which established a government of national coalition between the various Italian political parties, including the communist one, the aforementioned political-pedagogical project began, in which the publication of Gramsci's works served for the political formation of classes and, consequently, the expansion of the Communist Party in Italy. The research uses, in particular, the correspondence between Gramsci's Russian relatives, the members of the PCI - Italian Communist Party and the Communist International. Therefore, this study aims to fill the gap in the translations of Gramsci's italian editions works disseminated in Brazil, which does not deepen the sociopolitical context and the political-pedagogical project that motivated its publication in Italy after World War II.

Keywords: Gramscian writings. Togliatti. Schucht family. Gramsci's Operation.

LOS ESCRITOS GRAMSCIANOS Y SUS PUBLICACIONES EN ITÁLIA DESPUÉS DE LA II GUERRA MUNDIAL: DISPUTAS ENTRE TOGLIATTI Y LA FAMÍLIA SCHUCHT

Resumen
Esta investigación aborda la temática de publicación de las obras de Gramsci en Italia, después de la II Guerra Mundial, por medio de una acción político-pedagógica denominada, justamente, Operación Gramsci. Así, en primera instancia, elucida sobre la disputa por la herencia literaria de Gramsci entre Togliatti y la familia rusa (familia Schucht), envolviendo los principales exponentes de la Internacional Comunista. Después de la vitoria de Togliatti, y la *svolta* de Salerno, que estableció un gobierno de coalición nacional entre los diversos partidos políticos italianos, incluso el comunista, se inició el proyecto político-pedagógico mencionado, en el cual la publicación de las obras de Gramsci sirviera para la formación política de las clases y, consecuentemente, para el crecimiento del Partido Comunista en Italia. De ese modo, la investigación se utiliza, de manera especial, de las correspondencias entre los familiares rusos de Gramsci, los miembros del PCI – Partido Comunista Italiano y de la Internacional Comunista. Por lo tanto, el estudio busca solucionar una falta de informaciones en medida que las obras de Gramsci son difundidas en Brasil, a partir de traducciones de las ediciones italianas, que no profundizaron en el contexto sociopolítico y el proyecto político-pedagógico que motivó su publicación en Italia después de la II Guerra Mundial.

Palabras clave: Escritos gramscianos. Togliatti. Familia Schucht. Operación Gramsci.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como finalidade discorrer sobre *Gli affari Gramsci-Togliatti a Mosca*[1], isto é, a disputa judicial travada entre a família Schucht[2] (a família russa de Gramsci) e Palmiro Togliatti (1893-1964)[3] pela herança literária[4] deixada por Antonio Gramsci (1891-1937); bem como busca refletir sobre o processo de organização e de publicações da primeira edição das Cartas e dos Cadernos do Cárcere, conhecida como edição temática e/ou togliattiana de Gramsci.

Apesar da posição contrária da família Schucht, a disputa foi vencida por Togliatti, o qual, como representante do PCI na Internacional Comunista, ficou responsável pela divulgação do pensamento gramsciano desde o final da II Guerra Mundial até a sua morte. Além disso, após a *Svolta de Salerno*[5], em 1944, Togliatti avançou no plano de divulgação do pensamento gramsciano, impulsionando a chamada Operação Gramsci na Itália entre os anos de 1945 a 1960.

Todavia, o conflito Gramsci/Togliatti ultrapassa os limites dos tribunais russos. A disputa teve início em 1926 em razão das diferenças no entendimento das diretivas revolucionárias e continuou por todo o período de prisão de Gramsci (1926-1937). Tendo em vista as discordâncias entre os dois principais líderes do PCI – Partido Comunista Italiano, Gramsci e Togliatti, surgiram questionamentos sobre a fidelidade da edição togliattiana aos textos originais de Gramsci: seus manuscritos do cárcere.

Segundo Vacca (2003), com base na correspondência de Tatiana Schucht com seus familiares na Rússia (SCHUCHT, 1991), nos últimos dias de sua vida, Gramsci confiou a Tatiana a missão de excluir Togliatti da posse e organização de seus manuscritos, pelo menos até que Sraffa indicasse os critérios a serem seguidos para sua utilização. Ainda, Canali (2013) e Lo Piparo (2011) afirmam que o pensamento gramsciano foi adulterado por Togliatti, que escondeu nas publicações a ruptura entre ambos, tal como os possíveis distanciamentos do pensamento gramsciano com os do Partido Comunista Russo (PCR). Porém, Daniele (2005) destaca que Togliatti foi um divulgador do pensamento Gramsciano, tornando-o conhecido, não apenas entre os membros do PCI, mas por toda a Itália e, posteriormente, fazendo dele o escritor italiano mais traduzido.

Entretanto, no Brasil, pouco se discute sobre a disputa pela posse da herança literária de Gramsci, sobre o direito de uso e o caminho percorrida até a publicação da obra gramsciana. Neste sentido, sem a pretensão de resolver a problemática, com base em algumas correspondências entre Gramsci e seus familiares, entre membros do PCI, da Internacional Comunista e alguns documentos do *affari Gramsci-Togliatti*, busca-se descrever o conturbado processo de disputa e de publicação dos escritos gramscianos.

Na Itália, posteriormente, a edição de Valentino Gerratana apresenta os textos dos Cardemos e das Cartas do Cárcere no modo e sequência como foram escritos por Gramsci na prisão diferenciando-se, assim, da edição temática de Togliatti. Desse modo, considera-

se importante trazer ao conhecimento público tal debate, visto que, no Brasil, o pensamento de Gramsci foi conhecido, em primeira mão, pela versão togliattiana, a qual influenciou e influencia os debates cultural, político e educacional no Brasil.

Atualmente, a edição da Civilização Brasileira se caracteriza como uma mediação entre as duas edições italianas (togliattiana/temática e Gerratana), ainda com maiores semelhanças com a edição togliattiana. Conseguinte, a partir de determinado tema, por exemplo, os intelectuais e a escola, a edição da Civilização Brasileira apresenta a tradução do Caderno 12, que aborda a temática; ao fim do Caderno, como apêndice, apresenta em sequência cronológica as demais passagens dos Cadernos do Cárcere, em que Gramsci volta a tratar do mesmo assunto. (GRAMSCI, 2004). Portanto, tais fatos demostram a importância do presente estudo sobre a disputa pela herança literária de Gramsci e a publicação dos seus escritos na Itália, por Togliatti, após a II Guerra Mundial.

A DISPUTA PELA HERANÇA LITERÁRIA DE GRAMSCI: TOGLIATTI E A FAMÍLIA SCHUCHT

Na disputa pela herança literária de Gramsci, a família Schucht se fundamentou nos testemunhos de Tatiana Schucht, a qual afiançou que Gramsci, um pouco antes de morrer, lhe confiou a missão de excluir Togliatti da posse e organização de seus manuscritos. (SCHUCHT, 1991).

De antemão, é mister destacar que a preservação de tais manuscritos de Gramsci, em grande parte, ocorreu por ação de Tatiana Schucht. Ademais, conforme Canali (2013), Daniele (2005), Mordenti (2009) e Vacca (2003), as cartas de Gramsci eram enviadas a Tatiana, que fazia uma cópia das mesmas e as enviava a Sraffa, que as direcionava à Togliatti e ao Centro Externo do Partido.

De fato, estando Tatiana na Itália, visitou inúmeras vezes o prisioneiro político e foi porta voz de suas reflexões e correspondências para a família e para o PCI. Logo após a morte de Gramsci em 27 de abril de 1937 –, Tatiana escreve uma carta para Giulia, datada de 05 de maio de 1937), tratando da questão sobre a transferência dos manuscritos gramscianos para a Rússia. Neste propósito, disserta que, por vontade de Gramsci, todos os textos deveriam ser entregues a Giulia e não ao Partido, precisamente ao integrante do PCI que estava em Moscou[6].

> Não se preocupe com seus manuscritos, cartas etc. Tudo está em ordem, mas com esta correspondência não mando nada de seus trabalhos ou de suas cartas. A vontade dele é que sejas tu a receber estes manuscritos, e não a seção italiana, compreendes, minha cara? Tu deves receber tudo integralmente, e não confiar nada a ninguem, pelo menos até que seu amigo Piero expresse uma opinião sobre o modo como estas obras de Antonio devem ser ordenadas e utilizadas segundo seu pleno valor. (SCHUCHT, 1991, p. 156, tradução nossa).

Outrossim, noutra carta direcionada a Sraffa, com data de12 de maio de 1937, ao narrar os últimos momentos da vida de Gramsci, Tatiana novamente afirmou o desejo de Gramsci sobre o destino de seus manuscritos à Giulia, na Rússia, para evitar extravios e intromissões:

> Nino[7] queria que eu transmitisse todas as coisas à Giulia, para lhe confiar tudo na expectativa de outras decisões dele. Pensei bem e adiei o envio para obter uma resposta tua se queres te ocupar da avaliação de tudo com o auxílio de alguém da família. Além disso, queria que Giulia soubesse da minha intenção de mandar para ela todos os escritos a fim de que ela os retire para evitar extravio ou intromissão de seja quem for. (SRAFFA, 1991, p. 87, tradução nossa).

Entretanto, através de uma carta de Eugenia Schucht para Tatiana, deduz-se que Togliatti já havia se aproximado das irmãs Schucht, Eugenia e Giulia, em Moscou, para obter a posse dos manuscritos de Gramsci. Assim, Eugenia escreveu à Tatiana com o objetivo de tranquilizá-la "Tania, não te preocupes com os documentos. Aqui um companheiro, amigo de Antonio, agora é o chefe do Partido Comunista Italiano, e por isto terá por cada palavra o mesmo cuidado que nós temos. Tudo será conservado para Giulia." (SCHUCHT, 1991, p. 159, tradução nossa)[8].

Segundo Vacca (2003), Togliatti suspeitava das intenções de Gramsci e, neste sentido, se moveu para obter a posse dos manuscritos. Ademais, o mal-entendido entre Tatiana, Giulia e Eugenia, era evidente: ainda que Tatiana tenha escrito de modo indireto que a intromissão de Togliatti precisava ser evitada, as duas irmãs em Moscou projetavam confiar os escritos de Gramsci justamente a ele. Desse modo, a resposta de Tatiana foi rápida. Não podia citar nomes, mas suas palavras não deixaram dúvidas: aquele cuja intromissão precisava ser evitada, a pedido do próprio Gramsci, era Togliatti:

> Giulia deve ter tudo, como desejava Antonio, e todas juntas realizaremos o trabalho de decifração e estudo do material. Não se deve pensar que um italiano qualquer, um companheiro, ex amigo de Antonio, deve se encarregar do trabalho ou que devemos confiá-lo a alguém. Eu, tu e Eugenia somos perfeitamente capazes. (SCHUCHT, 1991, p. 176, tradução nossa).

Em todo o processo, Tatiana Schucht assegurou que Gramsci, em seus últimos dias, havia lhe confiado a missão de excluir Togliatti da posse e da organização da publicação dos seus escritos. Neste sentido, em dezembro de 1938, depois de ter organizado o translado das cinzas de Gramsci para o cemitério de Testaccio[9], Tatiana retornou a Moscou. Ao chegar na capital russa, convenceu as irmãs Giulia e Eugenia que era necessário submeter a questão ao juízo da III Internacional Comunista e ao próprio Stalin.

As acusações sobre o assunto se fundamentavam no juízo negativo de Gramsci, iniciado em 1924 que permaneceu até sua morte; em um período de 13 anos, entre acusações e fatos apontados, a "famigerada" carta de Grieco e o fracasso das diversas tentativas de libertação do prisioneiro, serviam de base argumentativa. (PONS, 2004, p. 85). Assim sendo,

Tatiana buscou provas fundamentais nos episódios da gênese do desacordo, de modo a dissipar as suspeitas de que as acusações gramscianas eram decorrentes de seu isolamento pessoal e político nos últimos anos do cárcere. (CANALI, 2013).

Em modo especial, a carta de Grieco, segundo escreve o próprio Gramsci, produziu provas contra ele, pois manifestava abertamente sua função de liderança no PCI, o que impossibilitou qualquer negociação para sua liberação. Neste contexto, Gramsci suspeitava que Grieco teria sido manipulado (PONS, 2004) e registrou, ainda, que o próprio juiz lhe afirmou: "[...] honorável Gramsci, o senhor tem amigos que desejam que permaneça no cárcere por um longo período." (GRAMSCI, 1965, p. 145, tradução nossa).

Por outro lado, Togliatti buscou convencer que as suspeitas gramscianas eram decorrentes de seu isolamento pessoal e político nos últimos anos do cárcere. (CANALI, 2013). Também, sabendo das desconfianças de Gramsci, adiantou-se e, antes do regresso de Tatiana à Moscou, buscou obter a posse e o direito de utilização e publicação dos manuscritos de Gramsci. Segundo Daniele (2005) e Spriano (1977), provavelmente, Togliatti foi informado por Sraffa. De fato, logo após a morte de Gramsci, Tatiana lhe escreveu pedindo ajuda para organizar os manuscritos e informando sobre incumbência de excluir Togliatti da sua herança literária. Então, Sraffa, ao ter recebido a carta de Tatiana, escreveu a Ambrogio Donini[10], solicitando-lhe instruções; Donini, em 18 de maio de 1937, respondeu com um telegrama e, no dia seguinte, também enviou uma carta, observando: "A decisão melhor é enviar todos os manuscritos a Giulia, pois onde está Giulia está Ercoli."[11] (SPRIANO, 1977, p. 164, tradução nossa).

Ademais, menos de 20 dias depois da morte de Gramsci, isto é, em 12 de maio de 1937, Togliatti apresentou aos companheiros de Partido um projeto para a utilização do nome e das obras de Gramsci em favor dos interesses políticos do PCI. Consoante Daniele (2005), em um grande projeto político-cultural de sua exclusividade, Togliatti planejou apresentar Gramsci como baluarte cultural, teórico e político, tal como exemplo ético e mártir laico que sofreu com o fascismo. Sobre o ocorrido, Daniele (2005) afirma que Togliatti possuía vários motivos para controlar a publicação da produção gramsciana e não colocar em risco o sucesso da Operação Gramsci. Para tanto, não podia evidenciar a ruptura com Gramsci, tampouco expor o que ainda seria considerada, nos núcleos stalinistas, como a heterodoxia de Gramsci[12].

O conflito pela herança literária de Gramsci era inegável, assim como a motivação de Togliatti para obter o controle sobre a produção gramsciana (PONS, 2004), interessando-se pela chegada dos Cadernos em Moscou, o mais breve possível: em 11 de junho de 1937, acionou a Internacional Comunista por carta:

> O nosso defunto companheiro Gramsci no cárcere muito trabalhou. Existem 30 cadernos por ele escritos, os quais contêm uma abordagem materialista da história da Itália. Estas cartas se encontram hoje nas mãos da companheira Tatiana Schucht, a qual é em contato com a embaixada soviética em Roma e com toda probabilidade já colocou em segurança

> estes cadernos no edifício da embaixada. Para o nosso partido e para a Comintern é de máxima importância que estes cadernos cheguem nas nossas mãos intactos o mais rapidamente possível. (TOGLIATTI, 1937 *apud* PONS, 2004, p. 87, tradução nossa).

Diante do longo processo de disputa, em 25 de fevereiro de 1939 foi criada a Comissão para o Patrimônio Literário do Companheiro Gramsci, junto da Internacional Comunista. Na primeira reunião da Comissão, da qual participou Tatiana, não foi discutida a destinação dos manuscritos de Gramsci, mas apenas de sua biblioteca.

Após a primeira reunião da Comissão, Giulia e Eugenia, com a documentação fornecida por Tatiana, moveram uma acusação formal contra Togliatti junto à Internacional Comunista e ao Partido Comunista Russo. Diante da denúncia das irmãs Schucht, Georgi Dimitrov[13] encarregou Stella Blagoeva[14] de apurar os fatos. Em uma nota, em março de 1939, Blagoeva enumerou as seguintes acusações contra Togliatti:

> Em 1939, a Internacional Comunista recebeu da viúva do defunto chefe do Partido Italiano Gramsci um ato de acusação contra Togliatti. Segundo esta acusação, Gramsci teria considerado Togliatti um jogador duplo, não digno de confiança. Os motivos do juízo consistiam no fato que Togliatti não exprimia mais a própria opinião antes que uma decisão fosse tomada, no fato que no passado se mostrou titubeante em ocasiões de momentos ásperos na luta interna do partido, no fato que foram sabotadas as tentativas de libertar Gramsci através da troca de prisioneiros, no fato que existiram uma série de outros episódios relativos a Gramsci enquanto ele estava no cárcere, que o próprio Gramsci havia julgado como provocações postas pela direção do partido para impedir sua libertação. Um posterior motivo para esta acusação seria decorrente da ausência de qualquer iniciativa para a utilização da herança literária de Gramsci e para a popularização de seu nome. (BLAGOEVA, 1939 *apud* PONS, 2004, p. 92, tradução nossa).

De acordo com Daniele (2005, p. 20), as acusações de Giulia e Eugenia eram de extrema gravidade. Contudo, diante do atraso sobre a utilização e publicação das obras de Gramsci, em 7 de agosto de 1939, na segunda reunião da Comissão, foi decidido que os originais das Cartas e dos Cadernos seriam destinados ao arquivo da Internacional Comunista. Ademais, conforme Daniele (2005), provavelmente, foi um acordo firmado em julho de 1939, entre Togliatti e as duas irmãs, Giulia e Eugenia.

Todavia, os trabalhos para o uso e publicação dos manuscritos não começaram, bem como as acusações das irmãs contra Togliatti não encerraram. Havendo passado mais de um ano, Giulia e Eugenia recorreram a Stalin, em 08 de dezembro de 1940, por carta, solicitaram que a produção de Gramsci não permanecesse apenas sob o controle Togliatti e do PCI:

> Confiar Gramsci à personalidade, a mente de uma pessoa somente, mesmo que seja a mais extraordinária do mundo, é uma loucura, é como um vento impetuoso aprisionado em uma sala. Naturalemnte, somente um grupo composto por membros não apenas do partido comunista italiano, mas se

> espera, também de outros partidos comunistas irmãos, inclusive com companheiros do Partido comunista panrusso bolchevique, será capaz, sem desnaturalizar os trabalhos de Gramsci, de apresentar toda a vivacidade dos mesmos condicionada pelas circunstâncias carcerárias. (SCHUCHT, 1940 *apud* PONS, 2004, p. 90, tradução nosssa).

Em 21 de Dezembro de 1940, Poskrebysev[15], secretário de Stalin, transmitiu a Dimitrov uma cópia da carta de Eugênia e Giulia. Na mesma data, Dimitrov convocou uma reunião, que contou com a participação de Eugênia, Togliatti, Blagoeva e Vincenzo Bianco[16]. Na reunião, ficou estabelecido que seria instituído um setor especial denominado Gramsci, o qual ficaria junto ao arquivo central da Internacional comunista. Para este arquivo, então, seriam transferidos todos os documentos e materiais que diziam respeito a Gramsci, bem como todas as cartas e manuscritos que se encontravam com a família Schucht. Ainda, na mesma reunião foi criada uma comissão, com os seguintes membros: Vasil Kolarov[17], Togliatti, Bianco, Eugenia Schucht e Varvara Stepanova[18], os quais ficariam responsáveis pela elaboração de propostas para a utilização e publicação das obras de Gramsci, até 20 de janeiro de 1941:

> Sobre o patrimônio literário de Gramsci foi decidido: constituir um setor especial Gramsci junto ao arquivo central da Internacional Comunista; reunir neste setor todos os documentos e materiais que dizem respeito a Gramsci e a sua atividade. Transferir no setor Gramsci os Cadernos, os documentos, as Cartas e os outros materiais que se encontram atualmente junto a sua família (presso le compagne Schucht). Transferir no setor Gramsci aquela parte da biblioteca do cárcere de Gramsci conexa ao seu trabalho no cárcere ou necessário para o trabalho do partido comunista da Itália. (DOCUMENTO DA COMISSÃO PARA PATRIMÔNIO LITERÁRIO DO COMPANHEIRO GRAMSCI, 1939 *apud* DANIELE, 2005, p. 71, tradução nossa).

Entretanto, as decisões tomadas pela Comissão contribuíram para que Togliatti, pouco a pouco, passasse a ter maior controle sobre a herança literária de Gramsci, pois os originais das Cartas e dos Cadernos do Cárcere foram subtraídos da casa da família Schucht e destinados ao arquivo da Internacional Comunista[19]. Neste aspecto, a decisão de Stalin, ocasionada pela carta das irmãs Schucht, assegurou tal controle a Togliatti também na divulgação das Cartas e dos Cadernos do Cárcere.

Nos meses de janeiro e fevereiro de 1941, Togliatti, juntamente com a esposa Rita Montagnana[20], trabalhou com afinco nos manuscritos de Gramsci, especialmente nas Cartas do Cárcere; contudo, ainda em meados de fevereiro de 1941, não havia ainda convocado a Comissão, o que foi motivo de novas críticas das irmãs Schucht. (PONS, 2004). Finalmente, em 25 de fevereiro de 1941, Togliatti comunicou a Dimitrov que as cartas do Cárcere estavam prontas para serem publicadas e que reuniria a Comissão para tratar da questão. Também, comunicou que a publicação aconteceria nos Estados Unidos, pois naquele momento a direção da revista *Stato Operaio* havia se transferido, por motivo de perseguição fascista. (DANIELE, 2005).

Em resposta a Togliatti, Dimitrov reforçou a decisão tomada pela Comissão, isto é, que os originais das Cartas do Cárcere deveriam permanecer no arquivo da Internacional Comunista, devendo permanecer com a família Schucht apenas cópias fotográficas. No entanto, ainda que as Cartas do Cárcere estivessem prontas para publicação em 1941, o conturbado cenário político internacional, a Guerra Civil Espanhola e a II Guerra Mundial, impossibilitaram a imediata publicação.

Além disso, as denúncias das irmãs Schucht contra Togliatti, tal como as suspeitas dos líderes comunistas espanhóis sobre sua participação na Guerra Civil Espanhola[21], fizeram com que Togliatti perdesse seu prestígio junto ao núcleo stalinista e à III Internacional Comunista. Outrossim, em julho de 1941, Togliatti foi afastado de todos os órgãos da Internacional Comunista, principalmente daqueles que deliberavam questões reservadas, de modo especial das que tratavam da participação da Rússia na eminente Guerra Mundial.

Ademais, Dimitrov, em 18 de julho de 1941, em referência às desconfianças dos líderes comunistas espanhóis em relação a Togliatti, escreveu em seu diário: "Diaz[22] exprime desconfiança em Ercoli. Suas suspeitas são baseadas no seu trabalho e na sua conduta na Espanha. Também Dolores[23] declarou que não tinha plena confiança em Ercoli [...]"; e acrescenta "[...] estamos de acordo em utilizar Ercoli no momento apenas no setor de rádio e propaganda e não o fazer participar das questões estritamente secretas." (DIMITROV, p. 41, 2002). Em sequência, meses depois, em 20 de outubro de 1941, Togliatti foi afastado de Moscou e transferido para a longínqua Ufa[24].

Com a participação da Rússia na II Guerra Mundial, Moscou não era mais um local indicado para a permanência dos manuscritos gramscianos e, por tal razão, Togliatti transportou para Ufa todos os originais das Cartas e dos Cadernos do Cárcere. (CANALI, 2013)[25]. Entretanto, a seleção das cartas que já havia sido realizada, permaneceu em Moscou; assim, em 04 de fevereiro de 1941, Togliatti escreve para Dimitrov, pedindo que a seleção já preparada para a publicação fosse enviada para Ufa:

> Em Moscou permaneceu o manuscrito das cartas do companheiro Gramsci, que nós tínhamos já preparado para a publicação em Nova York. Os dois companheiros italianos da casa editora, não puderam, quando deixaram o edifício, levar junto este manuscrito, pois conforme as regras de trabalho da editora todos os materiais permaneciam no porão em um armário de ferro. Se não recebermos este material se tratará para nós de uma grande perda, pois será necessário fazer novamente uma seleção muito ampla das cartas, das cópias e assim por diante em base as cartas originais. (TOGLIATTI, 1941 *apud* DANIELE, 2005, p. 23, tradução nossa).

Na primavera de 1943, Togliatti retornou a Moscou. A vitória russa na II Guerra Mundial e o comportamento que teve em Ufa, de máxima lealdade e colaboração, contribuíram para afastar de si todas as suspeitas. Togliatti se tornou, então, editor exclusivo das obras de Gramsci e responsável para executar um projeto político-pedagógico ou uma

revolução cultural a partir das obras gramscianas na Itália, com a aprovação de Stalin. (CANALI, 2013).

Porém, Togliatti retornou a Moscou sem os manuscritos, os quais permaneceram por meses, em Ufa. Por tal motivo, em nova carta a Dimitrov, em 20 de agosto de 1943, pediu que os manuscritos fossem expedidos a Moscou:

> Companheiro Dimitrov, no nosso arquivo de Ufa permaneceu o material do companheiro Gramsci. Se trata do trabalho de Gramsci na prisão (cartas etc.), em substância material literário e publicitário, do qual, talvez, em breve teremos necessidade para a imediata utilização em nosso país. Por isto, exprimo o pedido para que este material seja trazido para Moscou, em modo que seja possível prepará-lo para uma próxima utilização. (TOGLIATTI, 1943 *apud* DANIELE 2005, p. 71, tradução nossa).

Ainda que a Guerra tenha retardado a publicação das obras de Gramsci, veio ao encontro das intenções de Togliatti e do PCI, pois ocorreria em um tempo intermediário de liberdade democrática, podendo ser o pensamento gramsciano o despontar de uma nova cultura e/ou de preparo da nação italiana para uma nova hegemonia política.

Por fim, em 15 de fevereiro de 1944, na véspera de seu retorno para a Itália, Togliatti, em nova carta endereçada a Dimitrov, pediu que o texto já preparado das Cartas do Cárcere fosse enviado à direção do PCI, para a publicação na Itália, o mais breve possível. (PONS, 2004).

A Operação Gramsci teve como instrumento a difusão do pensamento gramsciano, em especial suas categorias político-pedagógicas. Assim, necessita ser compreendida para além do embate entre Togliatti e a família Schucht, mas requer considerar elementos do contexto histórico-político italiano e europeu da segunda metade da década de 1940. Desse modo, os acontecimentos econômicos e políticos desencadeados ao fim da II Guerra Mundial, aos poucos influenciou o projeto político do PCI. Neste contexto, tal projeto político, coordenado por Togliatti, assumiu também o caráter pedagógico, tornando-se Projeto Político e Pedagógico. Destarte, para refletir sobre os contornos das publicações das obras de Gramsci no posterior pós-Guerra, é necessário considerar os efeitos da bipolarização mundial, isto é, da divisão mundial entre os blocos capitalista e comunista, liderados respectivamente, por Estados Unidos e União Sovética. Portanto, a influência do contexto histórico-político internacional sobre o PCI e a política italiana encontram sua máxima expressão na denominada *Svolta di Salerno*. Sem este acontecimento histórico é impossível compreender a Operação Gramsci e o papel desempenhado por Togliatti na edição das Cartas e dos Cadernos do Cárcere de Gramsci.

A *SVOLTA DI SALERNO*, TOGLIATTI E O DESENCADEAMENTO DA OPERAÇÃO GRAMSCI

Um dos pressupostos que sobressaem nos escritos gramscianos é a convicção de que não é possível construir as bases de uma nova ordem sem criar, ao mesmo tempo, uma nova cultura capaz de exprimir-se em valores universais que possibilitem a fundação de uma nova civilização. Assim, para Gramsci, a política e a educação se entrelaçariam. (SCHLESENER, 2009).

Baseando-se em tais pressupostos, busca-se compreender o significado da atuação de Togliatti na divulgação do pensamento gramsciano entre os anos de 1945 e 1960. Neste sentido, é importante considerar os acontecimentos históricos que de alguma forma trouxeram mudanças nas diretrizes políticas do PCI, inclusive atingiu as diretrizes soviéticas e as dos países capitalistas. Portanto, para discorrer sobre a questão, é imprescindível considerar a ascensão e o declínio do fascismo, o início e fim da II Guerra Mundial, o fim do stalinismo, bem como a cisão global em segmentos de influência: capitalista e comunista, dirigidos, respectivamente, pelos Estados Unidos e União Soviética. Atrelado a esses acontecimentos, no que que se refere ao PCI, é importante pontuar a *Svolta di Salerno*, a qual trouxe novas indicações para a sua luta política. Entretanto, para compreender a *Svolta di Salerno*, é necessário delinear as anteriores *svoltas* que marcaram os Partidos Comunistas europeus e as Internacionais Comunistas.

A derrocada da onda revolucionária nos países da Europa Ocidental, no início da década de 1920, levou os principais expoentes do comunismo russo e europeu a defenderem, na primeira metade da década de 1920, a necessidade de uma reviravolta teórica. (BROUE, 2007). Desse modo, Gramsci, Togliatti e o grupo *ordinuovista* romperam com o Partido Socialista Italiano – PSI e, juntamente com Amadeo Bordiga, fundaram o PCI. Diante da impossibilidade das imediatas revoluções proletárias, a Internacional Comunista determinou a Tática da Frente Única, atribuindo certa autonomia dos Partidos Comunistas na união de forças para resistir ao retrocesso político. Na Itália, então, a decisão da Internacional Comunista significava a necessidade de diálogo e aliança com o PSI, mas Bordiga, de tendência extremista, não aceitou, o que levou Gramsci à liderança do PCI.

Com o triunfo definitivo do stalinismo na Rússia, em 1926, a ascensão do nazismo na Alemanha e do fascismo na Itália, a III Internacional Comunista revogou a Tática da Frente Única e adotou a do *Muro Contro Muro*[26]. Nesta perspectiva, os socialistas e sociais-democratas eram chamados de *socialfascisti* ou *socialnazisti*. Ademais, não existiriam outras revoluções antes da revolução do proletariado e estavam proibidas as alianças com outros partidos ou grupos políticos. No IV Congresso do PCI, realizado em Colônia, na Alemanha, em 1933, o Partido aderiu completamente à tese da Internacional Comunista.

Togliatti, por sua vez, conhecia as posições divergentes de Gramsci através de suas Cartas e dos relatórios de Gennaro Gramsci e Athos Lisa. Também, já pelas cartas trocadas em 1926, Togliatti havia percebido que Gramsci não havia aderido inteiramente à tática do *Muro Contro Muro* e/ou *Svolta Stalinistas*. Na época, Gramsci defendeu a necessidade de um tempo intermediário entre o fascismo e a revolução proletária; neste meio tempo, a cultura desempenharia uma função primordial como instrumento de preparação para a

revolução proletária. (DUBLA; GIUSTO, 2009). A proposta de Gramsci, denominada como Assembleia Constituinte, objetivava uma ampla aliança entre todos os grupos antifascistas na luta pela restituição da democracia; para ele, o período seria transitório e, restituída a democracia, o PCI tomaria a frente. Todavia, Togliatti não propagou a "heterodoxia gramsciana" em relação a nova *svolta stalisnista*, mesmo quando os companheiros no cárcere de Turi pediram a expulsão de Gramsci do PCI. (DUBLA; GIUSTO, 2009).

Em 1935, oficialmente, o partido recusou a proposta de Gramsci e preferiu a tese da Frente Popular, a qual consistia na aliança apenas entre os partidos de esquerda – comunistas, socialistas e anarquistas. Inclusive, a tese da Assembleia Constituinte foi objeto de intensos debates entre Gramsci e seus companheiros de prisão, os mesmos que solicitaram sua expulsão do PCI. (SPRIANO, 1967).

Contudo, se na década de 1930 a tese gramsciana foi repelida, na década de 1940, um bloco de partidos, entre os quais o PCI, apoiou o governo Pietro Badoglio[27] e, posteriormente, o de Bonomi e De Gasperi, bem como não exigiu a imediata renúncia de Vitor Emanuele III (1869-1947), que foi rei da Itália entre 1900 e 1946[28].

Na época, com base nas teses gramsciana, Togliatti defendeu a unidade de todas as forças políticas e democráticas para findar a instabilidade política italiana. Nesta fase, Togliatti, apoiado pelo Partido Comunista Russo – PCR, defendeu uma Assembleia Constituinte, a qual abarcasse todos os grupos políticos, inclusive os que aderiram ao fascismo que, posteriormente, haviam rompido, como é o caso do grupo ligado ao próprio Badoglio. (PARIS, 2005).

A III Internacional Comunista foi dissolvida em maio de 1943, tanto para tranquilizar os aliados anglo-americanos, quanto para favorecer o desenvolvimento dos partidos comunistas nacionais[29]. Assim, com o fim da Guerra, Togliatti pediu a Dimitrov para retornar à Itália para defender a participação dos comunistas italianos em um governo provisório de unidade nacional. (PARIS, 2005).

Quando Togliatti regressou à Itália, em 1944, encontrou um país dividido politicamente e, diante da falta de consenso, buscou pôr em prática a teoria da Assembleia Constituinte e as demais concepções político-pedagógicas de Gramsci. Porém, a unidade com todas as forças antifascistas, inclusive unindo todas as inspirações políticas, ideológicas ou religiosas, não foi consenso no PCI; ao contrário, Togliatti enfrentou a oposição da maioria dos companheiros, pois os membros do partido estavam animados pelo desejo de uma imediata revolução proletária. (PARIS, 2005).

O novo direcionamento não foi facilmente aceito por muitos militantes comunistas. Ademais, a discussão foi séria e áspera, pois o rei Vitorio Emanuele e Badoglio eram considerados como corresponsáveis pela ascensão do fascismo, da Itália associar-se à Alemanha e de ter participado da II Guerra Mundial. Neste ínterim, inúmeros militantes comunistas apenas aceitaram tal união pela disciplina partidária. (PARIS, 2005).

Se por um lado Togliatti aderiu aos governos de Badoglio, Bonomi e De Gasperi; de

outro, deu início à Operação Gramsci que objetivou publicar e difundir a história, as obras e o pensamento gramsciano. No período final da II Guerra Mundial e, principalmente no pós-Guerra, o cenário político italiano e internacional estava diferente: na Itália, por exemplo, estava em curso a *Svolta di Salerno*. Portanto, quando retornou à pátria, um dos objetivos de Togliatti foi usar as obras de Gramsci numa perspectiva educativa e pedagógica, tanto em relação aos intelectuais, como à massa italiana em geral. Destarte, as obras e a vida de Gramsci passariam a ser o principal instrumento de educação política utilizado pelo PCI e seriam incorporadas às perspectivas da luta da classe operária.

Assim, a tese gramsciana da Assembleia Constituinte englobou temas como: revolução cultural, guerra de posição, bloco histórico e revolução passiva que, então, passam a ser referências para a participação do PCI no governo Badoglio. Ademais, Togliatti no comando, era partícipe da ideia que o governo fascista fora um obstáculo para a democracia e, consequentemente, para a propagação dos ideais comunistas e da própria revolução proletária. Logo, defendeu a necessidade de redemocratizar e reorganizar a sociedade civil italiana e, neste sentido, a Assembleia Constituinte seria uma estratégia específica de uma fase intermediária, até que fosse conquistada uma nova hegemonia política. Para Togliatti, caso o PCI se limitasse a mera crítica, não participando da reconstrução do país, seria marginalizado da vida política italiana e se tornaria incapaz de propor a futura revolução proletária. Portanto, defendeu a bandeira gramsciana da Assembleia Constituinte, podendo, futuramente, propor uma alternativa diferente daquela da democracia burguesa.

Na fase intermediária, os líderes comunistas deveriam desempenhar um trabalho de formação junto às massas, tornando possível o ideal do Caderno 12[30], segundo o qual pressupunha-se que todos os dirigidos também estivessem capacitados para dirigir. (GRAMSCI, 1977). Desse modo, no tempo intermediário, a cultura teria uma força importante no processo de transformação social.

Desta forma, não foi eventualidade a Rússia ter sido o primeiro, dentre os países da frente antinazista, a reconhecer a legitimidade do governo Badoglio, e, neste sentido, em 13 de março de 1944, propõe o restabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países. O acordo previa, ainda, a concessão de uma base aérea soviética em território italiano e, o que foi realizado por Togliatti, uma mudança de atitude do PCI em relação à monarquia. (PARIS, 2005). Sendo assim, a reaproximação política entre a União Soviética e a Itália e a defesa das concepções gramscianas, proporcionaram a Togliatti e ao PCI notável crescimento e ocupação de espaços políticos.

Movido pelo cenário político criado com *Svolta di Salerno*, Togliatti indica novas orientações ao PCI, com o propósito resolver impasses presentes no poder político italiano. Neste novo cenário, até mesmo os partidos mais decididamente hostis à monarquia, como o *Partito Socialista* e o *Partito d'azione*[31], deram consentimento à proposta de Togliatti. Todavia, o rei Vitorio Emanuele precisou fazer concessões e atenuar a sua rígida intransigência e, em 22 de abril de 1944, aceitou a formação de um segundo governo Badoglio, com a presença não apenas de técnicos e militares, mas também dos maiores

expoentes dos principais partidos políticos antifascistas.

Então, fizeram parte do novo governo liberais como Croce e Arangio Ruiz[32]; democratas cristãos históricos como Giulio Rodinò[33] e Salvatore Aldisio[34]; socialistas como Giacomo Mancini[35] e Francesco Cerabona[36]; comunistas como Togliatti e Fausto Gullo[37]; um *azionista*[38], como Adolfo Omodeo[39]; e um republicano como Carlo Sforza[40] – assim, pela primeira vez na história da Itália, todas as forças políticas democráticas eram representadas no governo. (PARIS, 2005).

Neste novo cenário político, Togliatti, no papel de curador das obras de Gramsci, buscou apresentá-lo aos intelectuais italianos e ao povo, como o novo Croce ou o substituto de Croce[41]. Por este motivo, a Operação Gramsci, em uma perspectiva político-pedagógica, assumiu como tarefa apresentar Gramsci como um intelectual, educador e herói italiano.

Neste sentido, segundo Mordenti (2009), até as cores e os formatos das obras de Gramsci imitavam aqueles utilizados pelos escritores da *La Terza*, isto é, do principal instrumento de hegemonia cultural do aparato crociano. Ademais, o autor também afirma que a escolha da Casa Editora Einaudi de Turim, teve um significado político na intenção de construir a hegemonia. Neste aspecto, as obras não foram publicadas em uma casa editora do PCI, mas naquela que, no momento, era a mais prestigiosa casa editora de cultura da Itália republicana. Entretanto, mesmo sendo uma publicação externa ao PCI, os prefácios, introduções e notas foram realizados por Togliatti ou com sua permissão.

A organização e a forma de publicação das Cartas e dos Cadernos do Cárcere teve como objetivo apresentar Gramsci para toda a sociedade italiana, mas também desempenhar um serviço político-pedagógico. Os Cadernos, de acordo com Mordenti (2009), deixavam transparecer o Gramsci teórico e político, enquanto as Cartas mostravam seu lado pessoal e ético, apresentando-o como herói na luta contra o fascismo e mártir laico da nação italiana, que prosseguia a linha de Dante Alighieri (1265-1321), Tommaso Campanella (1568-1639) e Galileu Galilei (1564-1642).

Destarte, os intelectuais orgânicos do partido, através de um trabalho educativo junto às massas, formariam uma nova cultura, isto é, realizariam uma revolução cultural, criando as condições necessárias para a revolução política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos protestos contrários da família Schucht, Togliatti venceu a disputa pela posse da herança literária de Gramsci e adquiriu o direito exclusivo de divulgação do pensamento Gramsciano. Assim, após o fim da II Guerra Mundial, ao retornar à Itália, Togliatti realizou um importante trabalho de divulgação de Gramsci. De fato, pela chamada Operação Gramsci, Togliatti conseguiu realizar uma práxis político-pedagógica, divulgando a vida, o pensamento e as obras do Gramsci, o que contribuiu também com a elevação do PCI perante o debate o cenário político italiano.

Em paralelo à disputa pela posse das obras gramscianas, também houve uma inversão na aceitação do pensamento de Gramsci. Neste caso, em meados da década de 1930, o pensamento do autor não foi bem aceito, inclusive foi acusado de heterodoxia e membros do partido pediram sua expulsão. Porém, em meados da década de 1940, seu pensamento foi admitido como indicativo político, tanto na leitura sobre o desenvolvimento social, como na unidade contra o pensamento fascista e nas perspectivas de organização para a revolução. Nessa reviravolta, a questão cultural, antes negada, passa a ser reconhecida como um elemento preponderante em um tempo intermediário, influenciado consideravelmente o debate educacional, inclusive na atualidade, nos Partidos e nas escolas.

Outrossim, é válido ressaltar que o trabalho de Togliatti apenas se tornou possível diante das mudanças contextuais, ainda que tenha disposto de intensas disputas judiciais acerca dos manuscritos gramscianos. Deste modo, o fim da II Guerra Mundial, juntamente com o fim do Nazifascismo na Europa, declínio do stalinismo na Rússia, bem como a dissolução da Internacional Comunista em 1943 e as *Svolta di Salerno*, devem ser considerados. Tais fatos, entre outros, trouxeram novos contornos para as perspectivas de organização social, influenciando na forma de recepção do pensamento gramsciano.

Neste sentido, não se trata de apontar que a edições temática togliattiana adulterou o pensamento gramsciano, mas Togliatti buscou promover o PCI visto o caráter das publicações e editora escolhida. Nesse aspecto, buscou expor um Gramsci preocupado com o crescimento do pensamento fascista: neste ideal, as categorias gramscianas, entre elas a guerra de posição, foram assumidas como estratégias na união contra o pensamento fascista. Além disso, Togliatti também trouxe o pensamento gramsciano ao conhecimento público e buscou colocar em prática as teses da Assembleia Constituinte – isto é, a ideia que, depois da queda do nazifascismo, seria necessário um tempo intermediário designado de Assembleia Constituinte, no qual o grande intelectual orgânico coletivo, o Partido Comunista, através da atuação de seus intelectuais, junto às massas camponesas e operárias, formaria as condições moral e intelectual para que a Revolução acontecesse e se mantivesse sobre bases seguras.

REFERÊNCIAS

BROUE, P. **História da Internacional Comunista 1919-1943**. São Paulo: Sundermann, 2007.

CANALI, M. **Il tradimento**. Gramsci, Togliatti e la verità negata. Venezia: Marsiglio, 2013.

DANIELE, C. **Togliatti editori di Gramsci**. Roma: Carocci, 2005.

DIMITROV, G. **Diario**. Gli anni di Mosca (1934-1945). Tradução de Fausto Ibba e Pasquale Rosafio. Torino: Einaudi, 2002.

DUBLA, F.; GIUSTO, M. **Il Gramsci di Turi**. Testimonianze dal carcere. Taranto: Chimiente, 2009.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. v. 2. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Civilização Brasileira, 2004.

GRAMSCI, A. **Lettere dal carcere**. Torino: Einaudi, 1965.

GRAMSCI, A. **Quaderni dal Carcere**. v. 4 Torino: Eiunaudi, 1977.

GRAMSCI, G. **La Rússia di mio nonno**. Album famigliari degli Schucht. Tradução de Andrea Lena Corritore. Roma: Unità, 2008.

LO PIPARO, F. **I due carceri di Gramsci**. La prigione fascita e il labirinto del comunismo. Roma: Donzelli, 2011.

MORDENTI, R. **Il Gramsci di Togliatti**. Napoli: Edizioni Dante & Descartes, 2009.

PARIS, A. **L'Italia republicana e gli anni dello sviluppo**. Roma: Istituto Luigi Sturzo, 2005.

PONS, S. L'affare Gramsci-Togliatti a Mosca (1938-1941). **Studi Storici**. Roma, anno 45, n. 1, p. 83-117, 2004.

SCHLESENER, A. H. **A escola de Leonardo**. Política e educação nos escritos de Gramsci. Brasília: Liber Livro, 2009.

SCHUCHT, T. **Lettere ai famigliari**. Tradução de Arturo Moratto. Roma: Riuniti, 1991.

SPRIANO, P. **Gramsci in carcere e il partito**. Roma: Riuniti, 1977.

SPRIANO, P. **Storia del Partito Comunista Italiano**. Torino: Einaudi, 1967.

SRAFFA, P. **Lettere a Tania per Gramsci**. Roma: Riuniti, 1991.

VACCA, G. **Vita e pensieri di Antonio Gramsci**. Milano: Riuniti, 2003.

AUTORIA:

* Doutorado em Teologia pela Pontificia Università Gregoriana, Roma – Itália. Professor do Centro de Educação Letras e Saúde da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Foz do Iguaçu. Contato: lorinasci@yahoo.com.br

** Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná - Campus de Cascavel. Contato: cidafavoreto20@gmail.com

COMO CITAR ABNT:
NASCIMENTO, L. do; FAVORETO, A. Os escritos gramscianos e suas publicações na Itália após a II Guerra Mundial: disputas entre Togliatti e a família Schucht. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 22, p. 1-19, 2022. DOI: 10.20396/rho.v22i00.8670000. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8670000. Acesso em: 9 nov. 2022.

Notas

[1] "A questão Gramsci-Togliatti em Moscou", ocorreu entre os anos 1937 e 1946, no interior da III Internacional Comunista (IC), a qual tinha sua sede em Mocou.

[2] A família Schucht foi representada por Giulia Schucht (1896-1980), viúva e mãe dos dois filhos de Gramsci: Giuliano (1926-2007) e Delio (1924-1982). Também participou ativamente Tatiana (1887-1940), cunhada de Gramsci, que desempenhou o papel de mediadora entre o preso político, a família, o Partido Comunista Italiano (PCI) e a Internacional Comunista (IC). Outra participante foi Eugenia (1889-1972), também cunhada de Gramsci.

[3] Representante do PCI na Internacional Comunista e substituto de Gramsci na direção do partido.

[4] A herança literária de Gramsci é composta pelas cartas direcionadas à família, ao PCI, assim como os manuscritos do Cárcere.

[5] Salerno é uma cidade do sul da Itália. A "virada de Salerno" significou uma mudança da política comunista quanto à monarquia, à questão institucional, e trouxe uma proposta de unificação com outros partidos na luta contra o nazifascismo.

[6] Togliatti se encontrava na Rússia.

[7] Antonio Gramsci.

[8] Segundo Canali (2013), na correspondência entre a irmãs Schucht, após a morte de Gramsci, Togliatti passa a ser chamado de chefe do PCI.

[9] Cemitério de Roma, onde eram sepultados os não católicos. Gramsci havia sido sepultado, antes, no cemitério romano de Verano.

[10] Ambrogio Donini (1903-1991) foi um historiador marxista italiano e membro do PCI. Durante o fascismo, ocupou diversas funções na direção do Partido. Após a queda do fascismo, foi senador da república italiana.

[11] Togliatti.

[12] Entre as acusações de heterodoxia, Daniele (2005) cita a carta de 1926, direcionada ao Comitê Central do PCR, na qual Gramsci defendeu que a minoria trotskista na Rússia fosse corrigida, não punida. Também cita a tese da Assembleia Constituinte e/ou a defesa de amplas alianças, que se contrapunha às palavras de ordem estalinista da conquista imediata do poder.

[13] Giorgi Dimitrov (1882-1949) foi um político comunista búlgaro. Exerceu a função de secretário da Internacional Comunista e, após a Segunda Guerra, a de primeiro-ministro da Bulgária.

[14] Stella Dimitrova Blagoeva (1887-1954) foi uma política comunista búlgara que ocupava, no período, a função de secretária de Dimitrov na Internacional Comunista.

[15] Aleksandr Nikolaeviv Poskrebysev (1891-1962).
[16] Vincenzo Bianco (1898-1980) foi político e jornalista italiano e membro do PCI.
[17] Vasil Petrov Kolarov (1877-1950) foi um político búlgaro e membro do partido comunista, desempenhando diversas funções na Internacional Comunista. Após a II Guerra Mundial, ocupou as funções de presidente e primeiro-ministro da Bulgária.
[18] Varvara Fyodorovna Stepanova (1894-1958) foi uma artista nascida na atual Lituânia. Foi membro do Partido Comunista Russo, desempenhando funções ligadas ao mundo das artes e da cultura em geral.
[19] Segundo o testemunho de Giuliano Gramsci, filho de Gramsci, a transferência dos manuscritos da casa da família Schucht para o arquivo da Internacional Comunista ocorreu em abril de 1941 e foi realizada pelo próprio Togliatti. (GRAMSCI, 2008, p. XIX).
[20] Rita Montagnana (1895-1979) foi uma política italiana. Expoente e parlamentar do PCI. Foi esposa de Palmiro Togliatti.
[21] De 1936 até o final da Guerra Espanhola com a derrota do Partido Comunista espanhol (PCE) e ascensão de Franco, Togliatti atuou como delegado da Internacional Comunista na Espanha.
[22] Jose Diaz Ramos (1895-1942) foi um importante político comunista espanhol, secretário geral do PCE e secretário da Internacional Comunista. Vítima de câncer, se suicidou em 1942, na Rússia.
[23] Dolores Ibarrúri Gómez (1895-1989) foi uma política comunista espanhola, secretária geral e, posteriormente, presidente do PCE entre 1944-1960.
[24] Capital da província russa da Baschiria. Distante 1567 quilômetros de Moscou.
[25] Por sua vez, a família Schucht se transferiu para Fruenze, 1600 quilômetros distante de Moscou.
[26] Expressão italiana. Na tática do *Muro Contro Muro*, todos os grupos que não defendiam uma imediata revolução do proletariado eram considerados como adversários do comunismo e da revolução proletária.
[27] Pietro Badoglio (1871-1956) foi militar e político italiano. Durante o fascismo, desempenhou a função de chefe de Estado maior geral das forças armadas italianas. Foi contra a participação da Itália na II Guerra Mundial ao lado da Alemanha. Com a deposição de Mussolini em 1943, assumiu a chefia do governo provisório (1943-1944) na função de Primeiro-Ministro da Itália.
[28] Emanuele III, em 1922 encarregou Mussolini da formação de um novo governo e apoiou plenamente o regime fascista. Após a derrota da Itália na II Guerra Mundial, participou da destituição de Mussolini. Em 1944, renunciou em favor de seu filho Humberto II e, em 1946, abdicou e se exilou no Egito.
[29] No final da década de 1920, durante toda a década de 1930 e no início de 1940, o PCR, através da Internacional Comunista, exerceu um severo controle sobre os partidos comunistas dos demais países europeus. Diante da ameaça de uma guerra dos países capitalistas contra a Rússia, os demais partidos comunistas europeus trabalharam como partidos satélites do PCR e defensores do comunismo russo. Ao término da II Guerra, com a perspectiva da expansão comunista nos países europeus, a Rússia adotou a estratégia do fortalecimento dos partidos comunistas europeus.
[30] No Caderno 12, Gramsci aborda o tema da escola única. Todavia, nesse Caderno, discute a educação de um modo geral e não apenas a escola. Para ele, todos os grupos deveriam possuir seus intelectuais orgânicos.
[31] Partido político fundado por Giuseppe Mazzini (1805-1972) em 1853. Partido ligado ao ressurgimento italiano com ideais democráticos, republicanos, mas também revolucionárias. Dentre os principais nomes do partido, encontrava-se Giuseppe Garibaldi (1807-1882).
[32] Vincenzo Arangio Ruiz (1884-1964) foi um político liberal italiano ligado a Benedetto Croce. Em 1925 assinou, juntamente com Croce, o manifesto antifascista.
[33] Giulio Rodinò (1875-1946) foi um político italiano que participou da fundação do PPI e da *Democrazia Cristiana.*
[34] Salvatore Aldisio (1890-1964) esteve entre os fundadores do PPI e da *Democrazia Cristiana*. Ocupou por diversas vesez a função de ministro da República Italiana nos governos da *Democrazia Cristiana*, após a II Guerra Mundial.

[35] Giacomo Mancini (1916-2002) foi um político italiano e membro do PSI. Ocupou, em várias ocasiões, a função de ministro da República Italiana.
[36] Francesco Cerabona (1882-1963) foi um político italiano do PSI, que ocupou, nas décadas de 1940 e 1950, inúmeras vezes a função de ministro da República Italiana.
[37] Fausto Gullo (1887-1974) foi um político italiano que, com Gramsci e Togliatti, militou no PSI e juntamente com estes participou da fundação do PCI. Foi ministro da agricultura no II governo Badoglio após a *svolta di Salerno*.
[38] Membro do *Partido d'Azione*.
[39] Adolfo Omodeo (1889-1946) político italiano. Foi ministro da educação no II governo Badoglio.
[40] Carlo Sforza (1872-1952). Foi um político e diplomata italiano. Ministro do exterior nos anos que antecederam a ascensão de Mussolini. Foi um ferrenho opositor do regime fascista. Após a II Guerra Mundial, foi ministro da república Italiana nos governos Badoglio, Bonomi e De Alcide de Gasperi (1881-1954).
[41] Antonio Gramsci.